

# VIVÊNCIAS E RODAS DE CONVERSA

## COMPOR PARA SI UM CORPO: ENTRE FILOSOFIA E ARTE

Maria dos Remédios de Brito<sup>1</sup>  
Breno Filo Creão de Sousa Garcia<sup>2</sup>

**Resumo:** A vivência “*Linguagens dissonantes entre filosofia e arte: como compor para si um corpo...*”, tem como proposta construir um diálogo e, também, uma experiência criativa que percorra dois campos inventivos, a do pensamento/filosofia como modo de vida e da arte como mecanismo de criação dos blocos de sensações. Esses saberes não vêm com o propósito de fundamentação e nem muito menos pensar um para didatizar o outro. A ideia é fazer passar um entre o outro e dele emergir um terceiro que não se sabe efetivamente, de antemão, o que é. A vivência filo-artística deseja traçar linhas a partir das ressonâncias de Nietzsche e de Espinosa para depois configurar um exercício de pensar-fazer o corpo em meio a uma cartografia tecida pelas palavras, escritas, leituras filosóficas e cartas de um jogo fabulatório. A pergunta que gesta a vivência é: Como compor para si um corpo? O ponto fundamental foi criar uma vivência de encontros e afetos que pudessem configurar linhas de experimentação, permitindo que cada um invente para si um corpo.

**Palavras-chave:** Corpo; filosofia; arte; vivência.

“*Tudo pode tornar-se inaudito*”  
(Nietzsche)

### I

#### Máquina de leitura

O corpo é uma temática que atravessa a história das ideias. Na Filosofia ele não cessa de ser retomado em diferentes perspectivas. A tentativa é pensar o corpo vivo, afetado a partir da Filosofia e da Arte.

A Filosofia entendida como um campo de saber que atravessa um diálogo eminentemente vital é uma arte de pensar a vida e de vivê-la, segundo aquilo que se pensa e dialoga. A Filosofia não é só uma questão teórica, despartada do mundo e de suas vicissitudes, ao contrário, o mundo, a vida é seu campo de contato. Já a arte é esse campo disciplinar que elabora um plano de composição por blocos de sensações e que gera o pensar quando o corpo se sente tocado, acariciado pelos blocos de perceptos e de afectos. A arte como arena do sensível pode fazer o corpo se retirar, se deslocar do lugar comum, tocado pelas sensações. Filosofia e arte cruzam o campo da materialidade desse ensaio, tendo como rumo a seguinte questão: Como inventar para

---

<sup>1</sup> Graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Pará. Mestrado e Doutorado em Filosofia da Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba, Pós-Doutora em Filosofia da Educação pela Universidade Estadual de Campinas, Professora da Universidade Federal do Pará/Instituto de Educação Científica e Matemática. Atua nos programas de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Artes pela mesma Instituição. Trabalha nas conexões com a Filosofia, a Educação e a Arte. É coordenadora do grupo *Transitar*.

<sup>2</sup> Graduado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Pará, Mestre em Artes pela Universidade Federal do Pará, Professor da Escola de Aplicação da mesma instituição. Artista, designer e educador atuante em Belém do Pará, com experiência em criação artística e produção gráfico-editorial.

si um corpo? O corpo pode se reinventar? Dois pensadores são intercessores desse ensaio para que possamos obter as respostas dessas perguntas: Nietzsche e Espinosa.

Nietzsche coloca em questão todo o pensamento idealista que percorre a história da tradição ocidental. Tal tradição sustenta que o homem é racional, assim como sustenta o substrato da valorização da alma e do espírito. A alma como essencialidade substancial, fora dos avatares humanos, do tempo e da história; e o corpo entendido como devasso, degenerado, um sintoma do perecível no humano.

Nietzsche faz uma subversão dessa leitura e afirma que o corpo é o catalizador e o disparador de afetos, é nele que cortam as forças da vida. Por isso, Nietzsche afirma que o sujeito, a razão, a consciência e a alma não são mais que questões gramaticais gestadas pela ficção, pelas fábulas e os pelos ídolos. Para o filósofo, o homem é corpo, é jogo de forças e comandos entre lutas de sentimentos e impulsos. O que define um corpo é sua relação de forças, sejam elas ativas ou reativas. Do mesmo modo, Espinosa aponta para a vida em estado de evidência, ao mesmo tempo em que busca promover uma denúncia de tudo aquilo que separa o corpo dos seus processos vitais. Um corpo é um campo singular, estando profundamente arraigado nos afetos e nos seus encontros. Dessa forma, Espinosa cria uma teoria dos afetos e afirma que existem duas paixões eminentes: alegres e tristes, em que o corpo é uma potência para agir e padecer. Conforme o grau de seus encontros, ele se compõe e se decompõe.

É interessante afirmar que tal pensador é aquele que afirma a vida e não a morte, quando denuncia tudo o que tenta separar o humano da vida e todos os valores imanentes. Espinosa é veementemente contra os poderes que nos elevam para o alto, orientando para uma vida do medo, do desprazer, da força mínima, arrastando-a para o negativo. A vida traçada pelas linhas de julgamento do bem e do mal, sendo transformada em um rio de lágrimas, de dor e de culpa que tende a torná-la pequena e raquítica.

Ora, mas o que seriam as paixões tristes? São as paixões que carregam o corpo para a sua própria escravidão, corpo sem vida, culpabilizado, invejoso, ressentido, vingativo, desesperado, cruel, rancoroso. Espinosa coloca na esperança e na segurança um corpo triste, pois esses valores transformam o homem em escravo voluntário de si mesmo.

A paixão triste leva o corpo ao seu declínio, por isso, somente a alegria é potente, só a alegria nos fortalece, nos joga para a beatitude da vida. Sim, porque o sujeito, para Espinosa, é tão somente um grau de potência. Para ele, a grande questão prática é: Como conseguir um corpo que atenta para o máximo de ideias adequadas? Como emergir alegria, sentimentos potentes e ativos? Como dominar a si mesmo quando a consciência diz menos que o corpo, quando a consciência é um mundo também de ilusões?

Ora, para Espinosa a vida não é uma questão que se movimenta pelo bem e nem pelo mal, tudo é uma questão de compor e decompor um corpo, tudo é uma questão de movimento (de repouso e de lentidão). Isso teria outros *n* *s* desdobramentos no corpo, mas não iremos dispor dessas questões aqui, importa saber como Espinosa compreende o corpo e seus encontros, bem como também influenciou outros pensadores.

Voltando à Nietzsche, esse leitor de Espinosa, concebe o corpo não como uma unidade orgânica, e nem como dualismo corpo e alma, para este, ele é multidão de forças, sendo o ponto de afeto que leva o homem à sua constituição. O corpo não é uma coisa e nem um objeto, ao contrário, é força plástica em permanente movimento de modificação.

Descartes faz uma verdadeira separação entre corpo e alma no sujeito substancial e na estrutura física que compõe o homem, de maneira que parece não ter ligações com a condição do humano, é algo visto apenas como um objeto, uma extensão. Espinosa e Nietzsche promovem uma nova concepção de corpo e do que seja o sujeito – esse não é puro, transcendental, como se o corpo fosse estranho ao próprio sujeito humano e seus afetos. De

acordo com Espinosa e Nietzsche, este é agora um corpo afetado, que se faz diante de uma sintomatologia dos afetos e sente, e vive, e instaura, e padece. Ele irradia a consciência e a esburaca por todos os lados, o corpo é superfície, é carne...

## II

### Do sim à vida

*Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim e outra molécula e nasceu a vida. Mas antes da pré-história havia a pré-história da pré-história e havia o nunca e havia o sim. Sempre houve.*

(Clarice Lispector, in A hora da estrela).

Para o material, para a designação de cada ente nesse mundo, para cada grupo de homens, mulheres ou pássaros, corpos se fazem presentes e acontecem a partir de si e tropeçam entre si. Aos corpos já incidiram todas as causas de erros, intemperanças e desvios, já que a eles eram designadas territorialidades diferentes da mente. Apartadas dela, dada a imensa quantidade de motivos para reduzirmos nossos ritmos, nossos músculos cedem ao cansaço, e pensamos sentados no ônibus de volta para casa quando, finalmente, uma fagulha brota e nos leva para outro lugar. Um verdadeiro esgotamento social nos sequestra, mas de assomo, um pensamento qualquer nos invade e nos lambe com um pequeno afeto. E com ele, uma profunda alegria. Motivos de riso não nos faltam, assim como não nos falta desejo para sorrir. Esse corpo pode ultrapassar a categoria de invólucro do espírito? Compreender nossa matéria viva como algo opaco, obtuso e como armadilha que impede a criação de nossa existência nos conduz a um dualismo metafísico, no qual os corpos serão entidades rebaixadas, inferiorizadas e depreciadas em relação aos espíritos, sempre louváveis e superiores (como já posto acima). Com a milenar separação entre corpo e espírito, esquecemos que nossa existência, apesar de multidimensional, atravessa os corpos por inteiro. Pode deixar de ser dividido? Entre camisas de força, filas disciplinares, setores empresariais, espaços sociais, corpos são distribuídos e lançados a políticas disciplinares das mais diversas. Das escolas às igrejas, a sociedade ocidental incorporou o julgamento de Deus profundamente em sua coletividade inconsciente, que produz continuamente arquétipos e clausuras identitárias. Rótulos nos são carimbados involuntariamente ou vendidos sob formas diversas, com o respaldo de uma infinidade de correntes de pensamento que conduzem a noção de corpo como princípio organizador do ser. Os corpos são estruturados socialmente para serem entristecidos, buscando em qualquer oportunidade pequenas gotas de felicidade, geralmente artificializadas. São também levados a pensar que constituem apenas casca, cujo vazio e a falta seriam preenchidos com uma culpa cristã. Assim como são levados a se dividir para viver do modo menos intensivo possível, com baixíssimo poder de afetar uns aos outros, e altamente capazes de desenvolver neuroses ligadas aos únicos acontecimentos marcantes de suas vidas, geralmente ligados à infância e ao adolecer. Entre duas fatias, o corpo é conduzido a uma vida entre dois mundos: sensibilidade e inteligibilidade. Relação esta que se reúne com a velha dualidade da suposta existência de um mundo exterior, objetivo, e um mundo interior, subjetivo e produz algo que nos domina culturalmente. Tal conformação cristaliza a verdade dos corpos numa unidade fixa, a identidade, que ignora a dinâmica das transformações que nos ocorrem continuamente. A identidade pode ser compreendida como uma caixa que aprisiona o corpo numa fixidez

impossível. Na contramão de tantas linhas de pensamento petrificantes, ignorantes em relação à potência do corpo, que pode aprender a dizer sim a vida.

### III

#### Máquina de mistura dos corpos

##### *Dor elegante*

*Um homem com uma dor É muito mais elegante;  
Caminha assim de lado; Como se chegando atrasado  
Chegasse mais adiante Carrega o peso da dor Como  
se portasse medalhas; Uma coroa, um milhão de  
dólares Ou coisa que os valha Ópios, édens,  
analgésicos; Não me toquem nesse dor; Ela é tudo o  
que me sobra Sofrer vai ser a minha última obra*

(Paulo Leminski)

O homem, esse animal estranho, animal confuso, incerto, segue tateando o mundo, segue de lado, de frente, de costas, animal cheio de medos, de angústias; animal que se veste de tantas cores, multicolor; animal que se pergunta, que sente desespero e carrega em si uma inquietude demasiadamente humana. Desumanizar um pouco, talvez, para elaborar outras perguntas, sentir outras vidas em seu corpo, esse que ainda pouco se sabe... É uma luta para dar forma a esse corpo humano, uma luta diária de embates e de comandos. Dar forma a própria vida, moldá-la, converter-se em fonte de alguma coisa, presenciar um modo, inventar para si um estilo, de modo que o corpo possa ser ele mesmo um fazer em obra. Ser autor do próprio corpo, tornando-o existencial, experimental, produzir com ele e nele uma espécie de cena, transmutá-lo, mesmo tomando para si todos os preços do mundo. Isso tudo perpassa por aquilo que Nietzsche poderia chamar de uma “segunda” natureza, essa que seria primordial para que se tome posse da “primeira” natureza. Tarefa essa nada fácil.

Nietzsche não deixou de buscar os antigos, a sua concepção do que seja a filosofia advém efetivamente deles, quando advoga que a mesma está ligada a vida, assim como Espinosa. A filosofia nasce da vida e o seu movimento fundamental é para recriar e reinventá-la. Os conceitos não são para serem espanados e cultivados, apartados do mundo, ao contrário, eles nascem de uma dura compreensão da imanência. Então, um corpo deve encarnar a vida, assenhorear-se dela, fazendo do pensamento um ato de intensidade para que o pensador, em sua automodelação/transfiguração, saiba de algum modo que habita em suas entranhas um quase estranho, mas o estranho pode e deve passar por uma escuta amorosa diante das multiplicidades de vozes que atravessam as forças dos corpos e de seus encontros. Não é fácil produzir uma administração sobre si mesmo, não é fácil orquestrar a potência que dele emana. A tarefa do grande homem, aquele que deseja ser senhor de si mesmo, é configurar uma transformação de si, ou como diz Foucault, um cuidado de si. Nada disso tem ligação com um individualismo, mas sim com um processo lento de trabalho para forjar uma singularidade, aquilo que é de mais particular em cada indivíduo. Sim, Nietzsche, com sua crítica corrosiva à tradição, nos ensina que o inaudito é a vida, isso que nos arrasta e nos impõe o devir, a plasticidade do corpo – é ela

que diz que potência é corpo. Os encontros formam uma porção de alegria e ou de tristeza em nós, ao mesmo tempo em que encontros são intensivos e extensivos, lentos ou velozes para pensar como Espinosa. Não se pode efetivamente dizer o que um corpo pode – no máximo, se pode experimentar esse corpo, fazê-lo escorregar entre as veias do mundo, desenraizá-lo das fontes segmentárias e dogmáticas, impor para si vitalidades. Experimentar o corpo é desafiador e, inclusive, é perturbador quando não se sabe o que ele pode, se está de alguma forma sem o seu comando, ser estranho a si mesmo. É preciso certa prudência quando olhar o abismo, pois ele pode devorar esse observador; certa prudência nas aventuras humanas, pois o humano é ser que não se sabe quem é. Nada disso quer dizer, não faça experiência, ao contrário, experimente a vida, mas não se deixe virar um farrapo humano, pois não se sabe o que pode um corpo entre outros corpos. É duro criar para si um corpo, talvez, no corpo não se chegue, mas sempre será possível desenhar, rabiscar, polir a pedra, raspar o mármore, dar para si um determinado comando, certo estilo, mesmo que nunca esteja acabado ou dado por um fim.

#### IV

##### **Máquina de experimentar o corpo**

*Experimente, não interprete!*  
(Gilles Deleuze)

A arte como um campo de invenção, tal como a filosofia, atravessa o corpo pelos seus blocos de sensações e desenvolve um campo do sensível. Acreditamos que a *Vivência Linguagens dissonantes entre a Filosofia e Arte: como inventar para si um corpo*, realizada no 21º COLE, em Campinas, foi uma experiência que tentou trazer a potência do corpo a partir dos seus encontros. O seu desenvolvimento partiu de duas experiências: 1- Máquina de estranhamento; 2-Máquina Rota: um jogo de fabulação.

#### V

##### **Máquina de estranhamento**

*Há sempre uma multidão em um corpo*  
(M. Brito)

A porta abre, uma sala enorme aparece, janelas por todos os lados... Os pés estão no chão, uma mesa é posta ao lado, pequenos objetos são instaurados sobre a mesa, um caderninho de bordo para registrar linhas errantes do pensamento e do corpo, uma caixinha de bombom enferrujada contendo vários aforismos filosóficos com questões disparadoras, perfumaria “Cabocla da Amazônia”, cheiro e ervas, água de banho, vidrinho de eucalipto, andiroba, ervas de curas, ervas de passagem de energias, um lenço, uma cuia para fazer o banho de cheiro. O que é tudo isso? Um bloco de produzir, afetos... Um tatear o corpo.

A espera dos participantes: Ensaio, ensaio, ensaio de corpo, de voz... Ensaio...

Uma mandala humana fora construída, caminhos em roda, um exercício de relaxamento foi realizado, a roda continua, a voz da instrutora ao fundo: *Gostaria que vocês continuassem caminhando e depois façam uma roda e sentem... Abram as mãos, por favor!*. Uma gota de andiroba foi colocada na mão de cada participante... *Podem esfregar as mãos, depois passe no*

*corpo do colega ao lado. Pergunte ao colega onde fica a dor? Onde fica a alegria? Toque nesse lugar, sinta o corpo do seu colega...* Houve quem estranhasse esse exercício, levantando-se e saindo da sala... O corpo para algumas pessoas é algo muito curioso, pois pode ser um canal que leva a inúmeros afetos e nem sempre esses estes podem ser lembrados ou exercitados, melhor sair, deixar passar até o dia que o corpo solicita novamente uma escuta, uma palavra. O exercício foi despertando o outro para o outro, colocando o corpo como a crosta do humano, a crosta da consciência. Nem sempre sentimos o nosso corpo, às vezes, ele é um estranho em nós.

A mandala retorna e todas começam a andar, um corpo vai “batendo” no outro. *Agora vamos jogar com o olhar: Olhem nos olhos do colega e da colega, parem um pouco, olhe o rosto daquele que aparece em sua frente, depois duas batidas de mão, parem e fiquem olhando para aquele corpo que parou em sua frente e pergunte o que vier na sua cabeça:* Exercício interessante, um momento no qual que todos voltaram a sentar e começaram a trocar ideias, risos, olhares. Quase sempre fazemos do olhar do outro um castrador... O olhar do outro, por vezes, é o nosso inferno... É um inferno porque estamos muito mais ligados no corpo do outro do que no nosso. Esquecemo-nos de olhar para o nosso próprio corpo, olhar na dimensão de ver, de fazer um entendimento diante dos gestos, diante do desconhecido em nós, embora, nada esteja efetivamente esclarecido. A mandala retorna, caminhando pela sala, sentados em forma de roda, as mãos abertas, um perfume de hortelã é posto na palma das mãos, *esfreguem as mãos, coloquem-nas próximo do nariz, sintam um cheiro com os olhos fechados, o peito vai abrindo,* o corpo vai relaxando, os sorrisos aparecem... Os processos corporais vão sendo manifestados, os braços caem, as pernas são esticadas, alguns corpos se jogam no chão como se estivessem em uma cama... Ruídos de palavras... Toques... Toques... Alguns corpos parecem se conhecer. Um pano colorido, com desenhos de mandalas é jogado no chão e a poética da máquina rota entra na cena... Fabulações entre arte, filosofia e corpo...

## VI

### Da máquina-rota

*Que todos os seres apareçam*  
(M. Brito)



Figura 1 - Mandala da Máquina-Rota, com o jogo montado. – Fonte: acervo pessoal

Agora é momento de seguir outros fluxos. Seres de sensações irrompem o pensamento e escapam para longe. Suas trajetórias são traçadas em mapas desenhados e poeticamente escritos em fragmentos. Seres virtuais em estado de devir que convidam a incorporação – como na pajelança. “É fácil deslizar... Desfazer os órgãos” (BRITO, 2015, p. 218) Seria possível construir um corpo sem órgãos com um jogo de cartas? O convite para a experimentação é feito.

Em certo momento, após uma série de provocações intempestivas, somos convidados a jogar uma espécie de tarô. Subitamente, os participantes se deparam com cartas dispostas em mandala e, ao lado, uma pequena lata fechada. *Todos são convidados a abrir a tampa do objeto e retirar um pequeno papel.* Nele, encontram um número e uma pergunta. Em seguida, todos são provocados a manipular blocos de memórias. Projetos inacabados, demandas antigas, angústias e imagens... Qualquer coisa que se conecte com a pergunta revelada. Uma primeira captação de material do passado para a construção de algo.

Eis um exercício: produzir uma rota para longe, num exercício no qual diversos corpos estão em contato direto. Estado de jogo ou de encontro. Corpos sensíveis, afetivos, sociais, políticos, emocionais, sentimentais... Uma máquina-sala, uma máquina-parque, uma máquina-mesa, máquinas-cadeiras, máquina-areia-de-praia, máquinas-cartas postas e muitas pessoas reunidas formam um corpo coletivo e desejante, entre seres e objetos, muito semelhantes aos produzidos por Guattari ao lidar com seus pacientes ou entrevistados. Um pequeno ecossistema de montar e desmontar. *A mandala de cartas é reconfigurada e virada com as faces para a cima, revelando imagens, números e nomes. Cada número corresponde aos escritos nos papéis entregues aos participantes.* Conexões são feitas, as perguntas são associadas às imagens: Achas que controlas os fluxos? Quem te inspira? O que limita teu corpo? Onde está o machucado? Como caçar coragem? Como lidar com as mudanças bruscas? O que há de luminoso para compartilhar? Em que circunstância te espantaste consigo mesmo? Que pendências pesam no peito? Como se movimentam tuas águas? Costumas cuidar bem do que recebeste da vida? Como quebrar as correntes? Que força animalesca te atrai? Qual o tempo desse silêncio? Tantas questões, tantos afetos! Após o vislumbre, silêncios são produzidos. É necessário esperar e respirar. Uma, duas, três pessoas irrompem o silêncio, e revelam profundas conexões, verdadeiros atos de atravessamento com as imagens.

Seria possível estremecer a composição de nossos corpos através de uma experiência coletiva? Talvez com o surgimento de uma Fugitiva em deslocamento, um Curupira com seus traiçoeiros pés, uma paciente Mãe D'água, imagens são reveladas, e questiona-se: quais as coisas que pulsam em cada jogada? Que dores atingem cada elemento vivo, entre jogadores e criaturas encantadas, durante uma partida? Que perigos e inimigos temos em comum? A Máquina-Rota é um dispositivo lúdico capaz de ser ativado para uma experiência de visibilidade e escuta da multidão de vozes que nos atravessa e, por vezes, fazemos calar à força.

Uma maquinaria de cartas, entre diferentes campos epistêmicos, sobremaneira artísticos instaurando seres, paisagens, pequenos cosmos. Mundos singulares colidem e se transformam a cada troca de afetos. Múltiplas dimensões entrelaçadas, multiversos em constante movimento. Lagos, contidos em garrafas, pedem uma escuta atenta, Matintas estão sempre à espreita para nos enfeitiçar, Tajás encontram-se em latência, esperando o sono chegar para circular a casa, encantados prontos para serem revelados, fabulados e transversalizados em nossos corpos, numa arte que minora a língua, o pensamento e a expressão, fazendo surgir bichos encantados e seres mágicos há tempos silenciados com a sisuda vida adulta. Uma arte que evoca seres existentes no psiquismo social, num estado de torpor, precisa vir mais vezes à tona, senão seguirão nas sombras dos espetáculos, restringindo-se às zonas simbólicas, ao hermetismo que não toca ninguém, aos lugares inatingíveis.

Um jogo feito para *rotear* a vida de forma coletiva. Rotear é o ato de dirigir um veículo, mais especificamente uma embarcação naval ou fluvial, por rumos interessantes, para se chegar a algum destino. A este verbo também estão relacionados os verbos marear e navegar. A cada carta aberta, um mapa para transitar. Quais ideias foram trabalhadas em sua composição? Folhas, chuva, onça, raízes, rizomas, flores, plumas, passagens, encruzilhadas, solitudes, silêncios, ondas, dobras, Matinta, Parauá, Cotijuba, grandes amizades, louco, eremita, torre, diabo, serpentes, elementais alquímicos, padrões zen, linhas e tantos incontáveis outros povos. Como nos permitir sermos possuídos por eles? Com o tempo, os experimentos e os encontros, as poderosas imagens do tarô foram dando espaço a outras existências. *Desabafos, angústias e narrativas intensas borbulharam para fora do peito dos participantes*. Outras matilhas, cardumes e multidões passaram a se expressar com muita intensidade nas vozes dos participantes. A cada imagem, a cada fala, um novo caminho para a construção de outras travessias. Com a força da maquinação, o contato permitiu tudo isto sim. Permitiu mesmo! Mas para isto, foi necessário nos deixar levar pela experimentação, para além do que as palavras dizem e a escrita expressa.

*Juntos, pudemos produzir uma espécie de corpo expandido, trocando informações e entrecruzamentos pensantes a respeito daquilo que vislumbramos*. Conversamos sobre nossas vidas, sensações, incômodos, alegrias, tropeços. Conversamos e trocamos olhares. Vivemos, num pequeno instante, um momento de intensa amizade. Permitimo-nos escutar o que tínhamos a dizer, e cruzar essas matérias, aos caminhos oferecidos pelas imagens. Uma série de afetos, ora delicados, ora trêmulos de tão fortes.

Qual o sentido? Não há. Não há algo dado, algo pronto para ser absorvido. Há uma coisa que se construiu, desconstruiu e desfiou. E segue em movimento semelhante. Várias derivas, tremulações. Tantas possibilidades de deslizamento até que, talvez, outros encontros aconteçam. Encontros sensíveis que ultrapassam as palavras escritas, ditas e articuladas, que ultrapassam as capturas das linhas institucionais. Encontros que ultrapassem inclusive os limites do jogo. Como alcançar isso? É necessário navegar, se posicionar, à deriva. Nada é imediato. É necessário atenção, esforço e um bom espaço para a intuição. Vagar, delirar, sonhar acordado, dar vazão a algum *non sense*, alguma aventura do agir. Este é um jogo de criação conjunta, e a criação supõe quebras de linearidades, sentidos, significantes estabelecidos.

Há fugas, linhas. Linhas de fuga que irrompem de repente. Um ponto de fragilidade no cativeiro pronto para a escavação. Uma saída da toca, do conforto, da entristecedora segurança, do útero. Um pouco de brisa fresca nos encontra, um suspiro fora das catacumbas, e quem sabe o fôlego para cavar outras tocas. “Fuga perfeita é sem volta” (TIBURI, 2016) Pois, segundo Tiburi, ainda não fugimos de verdade. Mas fugir definitivamente pode ser o nosso fim. Morte na certa. De repente, o casulo se mostra insuportável. E no esgotamento da escrita, da fala, do andar, do comer, do dormir, de lidar com as angústias, de aplacar as tristezas, uma dor, uma horrenda dor atinge a vida. Às vezes, só nos resta fugir para fortalecer e voltar. Ainda mais no seio de um sistema acadêmico que tanto nos atinge com cobranças de produtividade. Precisamos inventar, nos vãos de uma universidade, uma magia de floresta profunda. Brincar com os encantados e se reinventar se faz urgente. “Aí torna-se preciso fazer alguma coisa para não gritar, mas parece que essas paisagens se tornam um grito” (BRITO, 2015, p. 218). Gritos de Mapinguari irrompem e afirmam que há muito a se gritar. Pelos corpos livres de suas ostensivas amarras. Contra as forças patriarcais, colonizadoras e capitalísticas. Da saída de casa, das travessias continentais, até o encontro com os cartomantes... As imagens podem nos fazer gritar. O jeito de lidar com a vida impossível, esgotada, muda com os mundos possíveis revelados a cada jogada, pergunta e discurso.

Vamos nos experimentar nesta política dos encontros, da amizade e do olhar? A máquina nos convida a nos ausentar do que há de regularidade, linearidade, individualidade, de tudo o que nos remete a uma causa, um sentido, um lugar comum. A Máquina-Rota nos desafia.

Impele-nos ao deslocamento, ao atravessamento, ao toque, à sensação. Uma experiência da troca de olhares, da criação conjunta de corpos pelas vias da criação, que é a maquinação. Sim, inventar para si um corpo é todo um caso de experiência, experimente seu corpo, seus afetos, experimente. Não interprete! Um corpo sempre é uma passagem, uma travessia, uma cena, um ato, um entre... Que potências surgirão? Nada a dizer, cada corpo entra na sua própria potência... Invente para si um corpo...

### Referências

BARRENECHEA, M. A. *Nietzsche e o corpo*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

BRITO, M. dos R. de, *Entre as linhas da educação e da diferença*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015.

DELEUZE, G. *Espinosa: Filosofia Prática*. São Paulo: Escuta, 2002.

ESPINOSA, B. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

ESPINOSA, B. *Ética*. Lisboa: Relógio d'Água, 1992.

FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

Foucault M. Ética, sexualidade e política. In: \_\_\_\_\_. *Ditos e Escritos*. V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

NIETZSCHE, F. *Genealogia da moral: uma polêmica*. tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras; 2009.

NIETZSCHE, F. *Além do Bem e do Mal*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

TIBURI, M. *Uma fuga perfeita é sem volta*. Rio de Janeiro: Record, 2016.